

167 SEM - LR (D)



# MOVIMENTO DOS TRABALHADORES RURAIS SEM TERRA

Secretaria Nacional

Rua Ministro Godoy, 1484 — CEP 05015-001 — SÃO PAULO — SP  
Fone: (011) 864-8977 — Telex: (11) 82.153 MSTB — BR  
FAX (011) 871-4612

CPV  
17 MAI 1993  
Setor de Documentação

1893-1993 CANUDOS : 100 ANOS DE LUTA

*OFENSIVA CONTRA  
A REFORMA AGRÁRIA*

São Paulo, 10 de maio de 1993

Caros amigos,

Nas últimas semanas percebemos uma ofensiva dos setores conservadores (urbanos e rurais) contra a reforma agrária e em especial contra o MST.

E deve ter chamado atenção de todos a forma escandalosa como foram manipuladas as informações utilizadas pela Folha de São Paulo e pela Revista Veja (vide anexo). Segundo informações obtidas, os próprios repórteres desculparam-se, foram matérias plantadas pelos editores, encomendadas e pagas por quem? Não é difícil imaginar.

Em nossa avaliação, trata-se de uma ofensiva da direita, e não unicamente da UDR, que na nossa opinião, está acabada como organização mas também dos setores conservadores como um todo que, diante de três derrotas políticas sofridas no plano nacional (lei agrária, nomeação do Presidente do INCRA e conquistas da greve de fome no RS), resolveram revidar a seu modo.

Percebe-se claramente que a direita no campo está privilegiando outros campos de batalha e utilizando-se principalmente do Poder Judiciário, dos comandos da PM (à revelia dos Governos Estaduais) e da Imprensa.

Essas matérias da Folha e da Veja estão sendo reproduzidas de forma articulada. E outros organismos de imprensa no interior estão abrindo o jogo mais claramente.

Felizmente, nesse mesmo período tivemos duas matérias na televisão, que atinge a grande massa, favoráveis à luta pela reforma agrária. Uma no Globo Rural e outra no Documento Especial, no SBT (temos cópias das fitas à disposição).

As matérias da grande imprensa, procuraram por outro lado, além de isolar o Movimento da sociedade, isolá-lo de seus aliados naturais colocando-nos contra a CUT e PT.

Em nossa opinião, como a sociedade voltou a ver na reforma agrária um tema importante do ponto de vista social para enfrentar a crise,



# MOVIMENTO DOS TRABALHADORES RURAIS SEM TERRA

---

Secretaria Nacional

Rua Ministro Godoy, 1484 — CEP 05015-001 — SÃO PAULO — SP  
Fone: (011) 864-8977 — Telex: (11) 82.153 MSTB — BR  
FAX (011) 871-4612

a fome e a miséria, partiram para outros campos. E a batalha pela reforma agrária, agora além do Poder Judiciário, passa a se dar na imprensa. E aí todos os métodos (deles) são viáveis: inventando, comprando, repetindo mentiras, etc.

Diante de tudo isso é que resolvemos escrever a vocês para esclarecer nossa avaliação e refletirmos juntos sobre a necessidade de enfrentarmos essa ofensiva da direita na imprensa.

Um grande abraço.

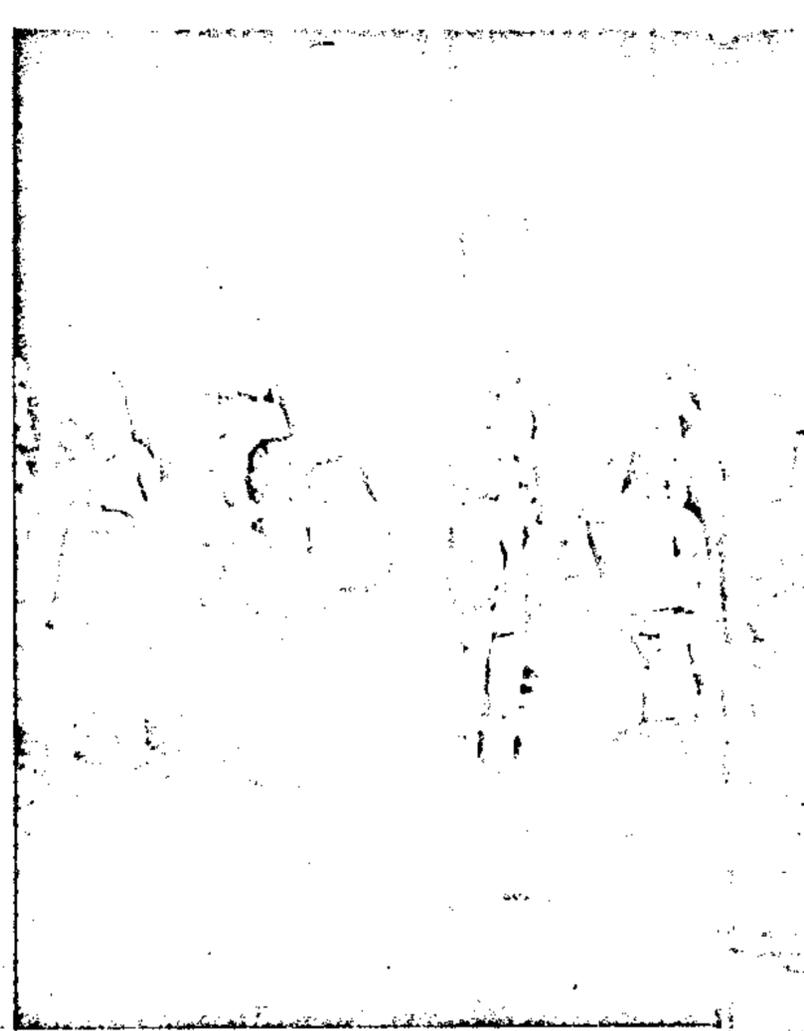
Atenciosamente

*João Pedro Stedile*  
p/ João Pedro Stedile

p/ Direção Nacional do MST



Sem-terra em Mirante do Paranapanema: décima invasão



O movimento em Nao-Me-Toque:...

## SOCIEDADE

# Últimos extremistas

*Com táticas violentas e uma organização de massa, os sem-terra já controlam um Rio de Janeiro e meio*

**ARLETE SALVADOR**, do Mirante do Paranapanema

Funciona no Brasil, a todo o vapor, uma organização camponesa de caráter leninista. Ela se organiza como se fosse um partido bolchevique, tem células para discutir suas ações e distribui tarefas entre os seus militantes. A organização está instalada em dezenove Estados do país, agita um estandarte vermelho como sua bandeira e age com o combustível de meio milhão de dólares anuais que saem do bolso de seus adeptos, das campanhas para recolher doações e da filantropia de entidades europeias. É o Movimento dos Trabalhadores Sem-Terra, o MST, que tem quinze anos de idade e domina 6,5 milhões de hectares — um pedaço que equivale a uma vez e meia o Estado do Rio de Janeiro —, onde vivem 116 000 famílias. Agora mesmo, outras 16 000 famílias estão sob a liderança do movimento tentando conquistar mais 82 áreas pelo país. Nesses lugares, há áreas ocupadas irregularmente ou acampamentos organizados em ponto de bala para fazer a próxima invasão de terra. "Nós somos o último movimento radical do país. Só assim será feita a reforma agrária", afirma Antoni-

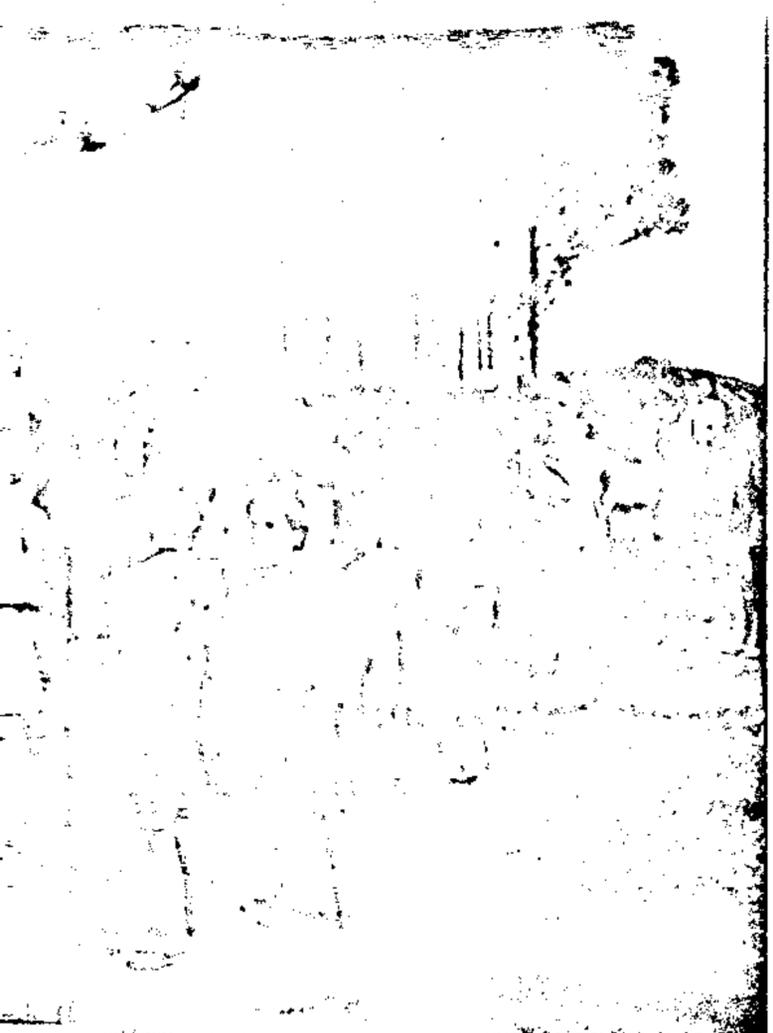
nho Mattes, coordenador do movimento no Estado do Rio Grande do Sul.

O Movimento Sem-Terra surgiu no final da década de 70 no Rio Grande do Sul. De lá para cá, tornou-se uma organização nacional, montou uma direção colegiada de quinze membros, arrebANHOU militantes nas comunidades de base da Igreja Católica, deu-lhes lições revolucionárias em escolas especiais e sofisticou suas técnicas de invasão. Nos seus primórdios, como forma de denunciar a estrutura agrária do país, o movimento invadia apenas grandes latifúndios. Não deu certo. A repressão da polícia, a reação dos fazendeiros e o escasso apoio político provocaram a troca de alvo. Hoje, os sem-terra invadem áreas públicas e forçam as autoridades do Estado ou da União a negociar os assentamentos — a fase em que uma invasão deixa de ser ilegal para tornar-se regular. Bem organizado, o MST elegeu uma bancada de cinco deputados na Câmara Federal. "Os assentamentos começam com invasões porque, se não agirmos, o governo não faz nada", afirma a deputada Luci Choinacki, do PT de Santa Catarina.

Ex-bóia-fria, ela tem 39 anos, cursou apenas o 1º ano primário, fala com o sotaque típico dos camponeses de seu Estado e ganhou sua cadeira na Câmara dos Deputados com 36 000 votos.

**LIÇÕES DE CUBA** — "Temos mais de uma década de luta. Estamos cada vez mais bem treinados", afirma o deputado Adão Preto, do PT gaúcho, outro membro da bancada sem-terra. O treinamento dos militantes tem seu aspecto prático e teórico. Para a teoria, criaram-se escolas de formação de lideranças. A principal está na cidade de Caçador, no interior de Santa Catarina. Ali, no prédio de 800 metros quadrados de um antigo seminário, são ministrados quatro cursos por ano para cerca de 300 alunos, que estudam das 8 da manhã às 6 da tarde e dormem na própria escola. Aprendem filosofia e capitalismo no campo e saem com noções do que é política agrícola e de como organizar um assentamento. Fora do Brasil, o ponto de desembarque dos estudantes sem-terra é a Cuba de Fidel Castro. Antes, freqüentavam a escola da Juventude Comunista. Hoje, com a decadência da escola, os sem-terra preferem estudar sindicalismo e cooperativismo no próprio PC cubano, em cursos de seis meses. "Eles têm um controle impressionante sobre produção de cooperativas", diz o agrônomo sem-terra gaúcho Álvaro Delatorre, que foi estudar em Cuba em 1990.

As lições práticas ocorrem nas invasões, que são previstas num calendário estocado no computador da sede do MST, em São Paulo. Qualquer fazendeiro da UDR daria



LIANE NEVES

### ...520 famílias no "Libertação Camponesa"

um olho para conhecer a lista. Ela é mantida em segredo, e até alguns dos invasores escalados só ficam sabendo do local exato da área poucos dias antes da ação. "Nosso lema é ocupar, resistir e produzir", diz Davi Stival, assessor do MST em Porto Alegre. No sábado dia 24, os sem-terra descobriram um novo meio para transformar o lema em realidade ao ocupar a Fazenda São Bento, em Mirante do Paranapanema, um município de 15 000 habitantes no interior do Estado de São Paulo. Em vez de ocupar a fazenda, montar suas barracas e ser despejados dias depois, como ocorre normalmente, eles resolveram invadi-la apenas para trabalhar.

Com as suas bandeiras vermelhas espetadas nos tratores, mais de 1 000 agriculto-

res derrubaram a cerca da fazenda de 5 200 hectares e começaram a preparar a terra para plantar mandioca e feijão. As 1 200 barracas continuaram fora da propriedade. Todos os dias, os sem-terra saem das barracas para trabalhar na terra ocupada. "Quando a polícia vier nos despejar, não haverá o que despejar", explica José Rainha Junior, da direção nacional do movimento. "Dessa vez, vamos quebrar o Sandoval", diz ele, referindo-se ao fazendeiro Antonio Sandoval, que briga pela posse das terras com o Estado de São Paulo. Esta é a décima ocupação da Fazenda São Bento e a maior já feita pelos sem-terra. Reúne 1 500 famílias, um recorde.

**CHUMBO EM PISTOLEIRO** — A fogueira que os sem-terra acendem no campo tem labaredas de violência. Em 1990, um sem-terra degolou com um golpe de foice um policial militar no centro de Porto Alegre. No episódio mais recente, no dia 3 de março, três PMs foram assassinados na Fazenda Santana, em Campo Bonito, no interior do Paraná. Quatro dias depois da morte dos policiais, o principal suspeito do crime, o sem-terra Diniz Bento Teixeira da Silva, foi morto pela PM. Nas invasões, carregam cartucheiras e espingardas. Com a terra ocupada, costumam aplicar táticas de guerrilha. Fabricam armas artesanais com galhos de árvore com pontas de metal, abrem trincheiras e erguem barricadas nas estradas com pneus embebidos em gasolina para retardar a chegada da polícia. Quando a polícia chega, abrem caixas de abelhas e colocam as crianças e as mulheres na linha de frente, para intimidar os adversários. As crianças têm até seu grito de guerra: "Com a luta infantil, mudaremos o Brasil". No Rio Grande do Sul, o MST tem um especialista

em fazer armadilhas, Pedro Barbosa, de 19 anos. "É com base no tipo de terreno que se define a melhor armadilha", diz.

Na semana passada, Barbosa estava acampado numa área de 400 hectares em Não-Me-Toque, a 300 quilômetros de Porto Alegre, onde há 520 famílias. O nome do acampamento: Libertação Camponesa. "Temos como norma rígida não atirar em soldados, mas pistoleiro leva chumbo", afirma João Pedro Stédile, um dos quinze da direção do MST. Stédile tem diploma universitário, é formado em Economia e virou um profissional de invasões, como seu colega José Rainha, que já promoveu invasões em dezenove Estados do país antes de coordenar a ocupação em Mirante do Paranapanema.

"Não pregamos a luta armada, mas não a descartamos", diz Rainha, que aprendeu a ler com 15 anos numa *Bíblia* e acha o PT e seu líder, Luís Inácio Lula da Silva, liberais demais. "Com Lula no poder, talvez não mude nada. Líder de massa por líder de massa, Hitler também era", diz. Se os líderes são profissionais, não há problema em ter sem-terra na mesma condição. É comum imaginar que são agricultores que não têm onde morar e vivem à beira das estradas à procura de um lugar. Nem sempre. José Ferreira de Jesus, de 56 anos, integrou-se ao acampamento de Mirante há um mês, deixando a mulher e o caçula de sete filhos em sua cidade, Bentópolis, no Paraná, onde tem uma casa rudimentar de três cômodos e uma Belina 75. "Vim para cá só para ver se dá para pegar uma terra para mim." Se conseguir, fica. Do contrário, volta para o Paraná, de onde poderá sair assim que o computador das invasões do MST lhe informar que outra terra está sendo invadida. ■



José Rainha (à esq.), que invadiu terras em dezenove Estados e compara Lula a Hitler, e Pedro Barbosa, especialista em fazer armadilhas nos acampamentos

# Mil trabalhadores invadem fazenda em SP

*Lavradores sem terra ocupam Fazenda São Bento e ameaçam resistir às tentativas de remoção judicial*

**CARLOS EDUARDO ALVES**

Enviado especial a Mirante do Paranapanema

Cerca de mil pessoas invadiram no sábado a Fazenda São Bento, em Mirante do Paranapanema (640 km a oeste de São Paulo). Trata-se do foco mais explosivo do conflito fundiário no Estado de São Paulo. É a décima vez que o local é invadido. Os lavradores, liderados pelo Movimento dos Sem-Terra, disseram que vão resistir se a Justiça determinar a apreensão de tratores, foices e enxadas utilizadas na "ocupação" da propriedade.

A fazenda São Bento tem 5 mil hectares e sua posse é discutida na Justiça. O governo paulista entende que a área é pública. Desde a década de 40, porém, o fazendeiro Antônio Sandoval Neto reivindica a posse legal. Sandoval é ex-prefeito de Presidente Prudente (558 km a oeste de São Paulo), a maior cidade da região. Na prática, é o dono da fazenda.

## **Sandoval**

"Sandoval tem um latifúndio improdutivo, fruto de grilagem, e nós só queremos trabalhar", afirma José Rainha Jr., líder dos invasores. A polícia de Mirante do Paranapanema aguarda uma ordem judicial para intervir. Sandoval afirma que vai recorrer aos meios legais para retirar os invasores da fazenda.

A invasão foi "profissional". Cinco tratores foram utilizados e logo que a cerca foi arrombada, grupos de 50 lavradores se dirigiram a 20 áreas já delimitadas para fazer o "estocamento" (retirada de tocos) da terra. Depois, os

tratores começaram a preparar o solo. O grupo de Rainha tem 50 sacos de semente de feijão e pretende iniciar a plantação durante a semana.

O Movimento dos Sem-Terra mantém uma "cidade de plástico" do lado de fora da fazenda São Bento. Cerca de 1.200 barracas cobertas com folhas de plástico abrigam 400 famílias que há dois anos reivindicam a terra.

As outras barracas pertencem a trabalhadores rurais que moram na periferia das cidades da região de Pontal do Paranapanema e que, nos fins-de-semana, vão para o acampamento "União da Vitória". O acampamento fica do lado de fora da fazenda, junto aos trilhos de uma estrada de ferro desativada.

## **Bóias-frias**

Os "ocupantes" —eles recusam o termo "invasores"— são em geral "bóias-frias" e, quando encontram trabalho, recebem Cr\$ 70 mil por dia. A "cidade de plástico", que às vezes chega a abrigar 4 mil pessoas, não tem energia elétrica, esgoto e a pouca água é fornecida por caminhões-pipas de prefeituras próximas. O governo do Estado envia cestas básicas a uma pequena farmácia improvisada que fornece remédios aos moradores. Debaixo de uma lona, cerca de 120 crianças frequentam uma escola.

"O que estamos fazendo aqui é uma ação de desgaste para o Sandoval. O governador Fleury tem boa vontade para resolver o problema, mas queremos apressar a solução", diz Rainha.

# Líder é um profissional da invasão

Do Enviado especial a  
Mirante do Paranapanema

O grupo que luta pela posse da Fazenda São Bento obedece a um discurso político claro. É um dos pontos de investimento do Movimento dos Sem-Terra, organização ligada ao PT. Discursos em defesa do socialismo são comuns nas assembléias. O movimento tende à radicalização e, no interior do PT, costuma se alinhar nas lutas internas nos setores mais radicais do partido.

"Acho que as transformações no Brasil só vão acontecer com a ruptura, não pelo voto. A forma pode precisar de foice e fuzil",

afirma o líder José Rainha Júnior, 32. Com um discurso sofisticado para a maioria de seus seguidores, José Rainha já conseguiu incorporar ao vocabulário dos lavradores sem-terra termos como "burguesia agrária", "reacionário", e "via institucional".

## CEBs

Rainha é hoje um profissional da invasão ou, como ele prefere, "da luta por comida, terra e trabalho". Capixaba de Linhares, diz que aprendeu a ler aos 15 anos. Começou a militar nas Comunidades Eclesiais de Base (CEBs) e participou da fundação do Movimento dos Sem-Terra. "Já atuei em 19 Estados do país",

conta. Em pelo menos 15, participou de ações de seu grupo.

"É impossível ter uma vida digna no capitalismo", acha. O líder dos invasores afirma que não tem um salário fixo e que sobrevive com uma "ajuda de custo dos trabalhadores", que não revela o valor.

José Rainha afirma "ainda" ter esperanças de que um eventual governo Lula resolva a questão da reforma agrária. Mas já ensaia um possível rompimento com o PT. "A CUT e o PT não fazem luta política pela terra. O PT não pode ir para a direita", declara.

Os 5 mil hectares do ex-prefeito de Presidente Prudente Antônio

Sandoval Neto servem basicamente para a criação de gado. Vem daí a acusação dos sem-terra de que se trataria de um latifúndio improdutivo.

"Aquele terra não é boa para plantar", defende-se Sandoval. Para ele, o que está em jogo na região do Pontal do Paranapanema é uma questão maior. "Essa falta de ordem é prejudicial ao país. Hoje o invadido sou eu. E amanhã? Quem será o próximo?", indaga.

Em março último, um conflito armado com os invasores causou ferimentos em dois empregados de Sandoval.

(Carlos Eduardo Alves)

## Sandoval vê 'comunistas'

Do enviado especial a

Mirante do Paranapanema  
Antônio Sandoval Neto, 86, diz que já está cansado da "novela" Fazenda São Bento. "Daqui a alguns dias vão invadir minha casa", reclama. Sandoval acha que parte do problema é causado "pela ação de comunistas no meio dessa gente".

O fazendeiro admite que a propriedade das terras é passível de discussão. "Comprei aquilo na década de 30, de boa fé. Não tenho culpa se depois descobri que havia discussão sobre a propriedade", diz. "Eu reivindicado o reconhecimento do direito possessório", acrescenta.

O Estado de São Paulo já ganhou nas instâncias iniciais da Justiça o reconhecimento de que as terras da fazenda de Sandoval e de outra no mesmo perímetro são públicas. Um fazendeiro vizinho de Sandoval já fez acordo com o governo, que assentou ali 292 famílias.

Sandoval diz que aceita ceder 25% da São Bento, desde que o Estado pague as benfeitorias. "Eles não responderam e a novela continua", afirma.

## Regulamento é militar

Do enviado especial  
a Mirante do Paranapanema

A organização do Movimento dos Sem-Terra em Mirante do Paranapanema é rígida. Existem grupos fixos de coordenadores para as áreas de trabalho, saúde e alimentação. Os moradores do acampamento são divididos em 45 grupos, que discutem os próximos passos na luta contra Sandoval. O resultado é levado para uma discussão final com os outros coordenadores.

Uma espécie de "corpo de segurança" resolve questões como furtos, brigas, alcoolismo. Não é raro algum integrante do movimento ser expulso. Aí, é obrigado a desarmar a barraca e deixar o

local.

Para a invasão de sábado, cada família doou Cr\$ 100 mil para a compra de óleo diesel e reparos nos tratores que estão arando a terra. O dinheiro é obtido como trabalho de bóia-fria. As reuniões têm lista de chamada e os faltosos também podem ser excluídos do movimento.

A maioria dos invasores do Mirante vem do Paraná e de cidades próximas. Em geral, são lavradores que perderam o emprego. Alguns são ex-arrendatários (pessoas que trabalhavam em uma espécie de parceria com os donos da terra). São delas os tratores utilizados na invasão da Fazenda São Bento.



# MOVIMENTO DOS TRABALHADORES RURAIS SEM TERRA

Secretaria Nacional

Rua Ministro Godoy, 1484 — CEP 05015-001 — SÃO PAULO — SP  
Fone: (011) 864-8977 — Telex: (11) 82.153 MSTB — BR  
FAX (011) 871-4612

1893-1993 CANUDOS : 100 ANOS DE LUTA!

São Paulo, 06 de maio de 1993

Paulo Nogueira  
Editoria Política  
Revista Veja

Senhor Editor,

Vimos à sua presença protestar pela forma, aética, desonesta e inverdadeira com que a Revista Veja tratou o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) através da matéria publicada recentemente com o título "Os últimos extremistas".

Estranhamos como após longas horas de entrevistas realizadas em São Paulo, Rio Grande do Sul, na secretaria nacional do Movimento e em contatos telefônicos com diversas lideranças, a Veja tenha deturpado as informações repassadas e procurado a todo custo identificar o MST como uma organização de extremistas.

Nós somos um movimento de camponeses sem terra, que reúne também apoiadores e militantes de várias origens e categorias sociais que lutam por reforma agrária no Brasil. E por isso nos identificamos como um movimento de massa, popular e sindical.

Nos preocupa porque a Veja não denunciou a gravidade dos problemas dos trabalhadores rurais, a miséria, a concentração da renda do campo. Não denunciou que 1% proprietários possuem 45% de todas as terras do Brasil. Que há 80 milhões hectares de terras ociosas, nas mãos dos latifundiários e do governo. Que, nos últimos dez anos foram assassinados mais de 1.200 lavradores e nenhum mandante ou assassino está preso. Não citou o relatório feito pela FAO sobre nossos assentamentos, considerando-os uma grande contribuição para a justiça social e distribuição de renda no Brasil.

De fato, a Veja demonstrou que não tem nenhum compromisso com a imparcialidade da informação e muito menos com a verdade.

Gostaríamos de lembrar ao Senhor Editor, de que apesar de nos considerar "extremistas", o Sindicato dos Jornalistas do Estado de São Paulo, concedeu-nos por duas vezes o Prêmio VLADIMIR HERZOG de Direitos Humanos, uma vez em 1987 e outra em 1990. E que no ano de 1991 recebemos no Parlamento Sueco, juntamente com a CPT (Comissão Pastoral da Terra), o PRÊMIO NOBEL ALTERNATIVO, concedido anualmente às entidades e organizações que deram provas contundentes de lutarem pelos direitos humanos e por melhores condições de vida no planeta.



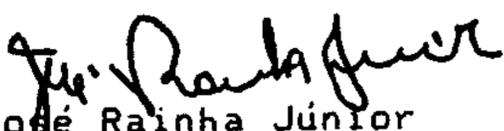
# MOVIMENTO DOS TRABALHADORES RURAIS SEM TERRA

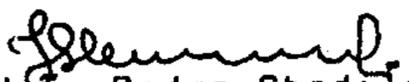
Secretaria Nacional

Rua Ministro Godoy, 1484 — CEP 05015-001 — SÃO PAULO — SP  
Fone: (011) 864-8977 — Telex: (11) 82.153 MSTB — BR  
FAX (011) 871-4612

Seguramente a democracia no Brasil dependerá, não só da implantação da reforma agrária nos latifúndios improdutivos, mas também da democratização nos meios de comunicação social.

Atenciosamente

  
José Rainha Júnior  
p/ Direção Nacional

  
João Pedro Stedile  
p/ Direção Nacional

cc. Sindicato dos Jornalistas, JST, Entidades de Direitos Humanos e Parlamentares.

# MOVIMENTO DOS TRABALHADORES RURAIS SEM TERRA

Secretaria Estadual

Rua Tamandaré, 667 - Fundos - CEP 01525 - São Paulo - SP

Fone: (011) 278-5620

São Paulo, 29 de Abril de 1.993

Folha de São Paulo

A/C: Paula Cesarino Costa

Editora de Política

Prezada Senhora,

Em nome da comissão dos acampados da Fazenda São Bento, e em nome da Direção Estadual do MST-Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra de São Paulo, vimos à Vossa presença, protestar pela maneira como a "Folha de São Paulo", tratou o problema dos sem-terra do Pontal do Paranapanema, e o próprio MST de São Paulo (matéria publicada no dia 26 de abril de 1.993, pag. 1-10).

Queremos protestar pela forma manipuladora que foram abordados certos temas.

Nos atribuíram o uso de regulamento militar (induzindo o leitor à crer que somos uma organização militarizada), quando no próprio texto, fica claro, que no acampamento existem apenas/regras mínimas de convívio social, necessárias, para a manutenção da ordem e da convivência, ainda mais em se tratando de um acampamento com 1.380 famílias, uma verdadeira cidade.

Também, não reconhecemos como correta a maneira como a "Folha" sempre trata as ocupações como sendo "invasões". As invasões se caracterizam como esbulho possessório para fins ilícitos ou de exploração econômica. Nós fazemos ocupações de terra, para trabalhar e sobreviver. E ainda, no caso do Pontal, os verdadeiros invasores, no sentido exato como a "Folha" usa, são os fazendeiros que grilaram mais de 400 mil hectares de terras públicas, estes sim, para fins de exploração econômica e para enriquecimento às custas do patrimônio público.

Finalmente, a "Folha", quis transformar José Rainha, em um líder "profissional e nacional". Distorcendo completamente suas declarações. Sobretudo, colocando declarações sobre a CUT



# MOVIMENTO DOS TRABALHADORES RURAIS SEM TERRA

Secretaria Estadual

Rua Tamandaré, 667 - Fundos - CEP 01525 - São Paulo - SP

Fone: (011) 278-5620

e o PT, infundadas e deslocadas do próprio objetivo da reportagem.

Queremos esclarecer uma vez mais, que o Movimento Sem Terra, é um movimento de massas autônomo em relação às outras organizações. E nos definimos como de caráter popular e sindical. Por essas características, apoiamos e nos articulamos sindicalmente com a CUT. E consideramos, que a CUT é a principal central sindical do país e que tem participado e apoiado amplamente às lutas dos trabalhadores / em geral, em particular as lutas camponesas.

Em relação ao PT, nossas bases e nossa militância tem as mais diferentes opções partidárias. Por tanto, não cabe manipulações para que participemos das lutas internas deste partido.

Esperamos que o leitor da "Folha" seja / informado corretamente sobre nosso movimento, e sobre todos os assuntos abordados por este periódico. No aguardo de providências.

Atenciosamente,

*Melo Diniz*  
Direção Estadual do MST-SP

*José Rainha Junior*  
José Rainha Junior



CÂMARA DOS DEPUTADOS

Brasília, 07 de maio de 1993.

Ao Sr.  
Diretor de Redação  
Revista VEJA

É lamentável como foi dado o enfoque pela revista Veja à matéria que trata do Movimento sem terra na edição nº 1 286 de 05 de maio de 1993.

Também, nos seus entrelinhados faz ligações que nem nos tempos mais áridos da ditadura não se referiam.

O objetivo de tantas coisas negativas não sabemos quais são: atingir o Partido dos Trabalhadores? atingir-me como deputado? passar uma imagem negativa do movimento para a sociedade civil?

Espero neste sentido, que esta revista seja saneada, nas suas próximas matérias divulgue os resultados positivos alcançados pelo Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra do Brasil, através de seus assentamentos, que hoje produzem mais de um milhão de toneladas. ano.

*Adão Pretto*  
Adão Pretto

Deputado Federal - PT/RS

C.I. 3020249807

Dup. ADAO PRETTO - PT/RS

Câmara dos Deputados - Anexo III Gab. 271  
160-900 — Brasília - DF 0271  
(061) 318-5271 — FAX: (061) 318-5271



CÂMARA DOS DEPUTADOS

Brasília, 05 de maio de 1993

Ao Sr.

Diretor de Redação

Revista VEJA

Na equivocada matéria com o título "Últimos Extremistas", publicada em 5/5/93, Veja utiliza como dados minha origem de pequena agricultora - para ela, uma ex-bóia-fria -, e a rápida passagem pelos bancos escolares - realidade que atinge a quase totalidade de trabalhadores no campo. Para quem não lembra, este é o mesmo discurso alardeado em 89 contra a candidatura de Lula à presidência da República.

No momento em que se briga contra a impunidade daqueles que assassinam agricultores e líderes sindicais, veja vem falar de "táticas de guerrilha" por parte do MST. Lembro à Veja que, somente nos últimos cinco anos, 645 trabalhadores rurais foram assassinados no território nacional. Desses, 45 homens e mulheres eram dirigentes sindicais e líderes do MST.

A trajetória recente deste veículo de comunicação exige tratamento diferenciado à questão agrária. Quem sabe traduzindo os números da ociosidade de latifúndios ou a estatística da violência sofrida pelos trabalhadores rurais sem ler a em todo o país?

Luci Choinacki

Deputada Federal

Brasília-DF

LUCI CHOINACKI  
Deputada Federal  
Câmara dos Deputados  
Gabinete 273 - Anexo III  
70.160 - Brasília-DF

FAX: (061) 318 2273

FONE: 318 5273

Discurso da Deputada Federal Lucy Choinaski/PT-SC, sobre a matéria publicada na Revista Veja do dia 05/05/93 referente ao MST.

Quero falar hoje de um fato ocorrido no Pará onde outros fatos semelhantes a esse ocorrem semanalmente e grande parte da imprensa não publica ou quando publica, distorce a realidade concreta.

Estou me referindo ao assassinato do Presidente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais, o trabalhador rural Arnaldo Ferreira de Eldorado, no Pará. Esse companheiro já havia sofrido vários atentados um deles fez vítima fatal, a Irmã Adelaide que na ocasião conversava com o sindicalista na rodoviária local.

Senhor Presidente, quero dizer que esse é um fato grave, pois no nosso Brasil, assassinatos de trabalhadores rurais causados pela ação de milícias armadas já não são mais notícias, viraram fatos corriqueiros.

Em 1991, a CPI que investigou as causas da violência no campo concluiu que a solução para o problema está na efetivação da reforma agrária e no desarme das milícias privadas financiadas pelos fazendeiros.

Desde 1964, em 30 anos sem reforma agrária nesse país, já foram assassinados mais de 1.640 trabalhadores em conflitos de terras. Desses apenas 26 foram julgados, com 12 condenações. Sendo que os fazendeiros condenados pela morte de Chico Mendes fugiram da prisão faz 3 meses e até hoje continuam soltos sem que ninguém se responsabilizasse pela situação.

Só esses dados desmentem a publicação da revista "Veja" desta semana, onde afirma que "a fogueira que os sem terra acendem no campo tem labaredas de violência". Pergunto, quem foi o autor da morte do sindicalista Orlando Ferreira? Do executado em Campo Bonito no Paraná, do índio Marçal onde o julgamento ocorreu recentemente no Mato Grosso do Sul? E os 1.630 assassinatos contra trabalhadores rurais que não foram a julgamento. Onde está o estado para responder isso? Onde está a imprensa para publicar essa realidade?

O Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra é reconhecido internacionalmente pela sua ação em favor da reforma agrária. Vem mostrando aos Governos e a sociedade que com a reforma agrária nesse Brasil, haveria um aumento da produção de alimentos e com isso permitiria acabar com a fome e a miséria. É preciso que seja publicado que 40% da população brasileira sofre de desnutrição por causa da estrutura agrária e da política econômica irresponsável pelos sucessivos governos.

Apesar das forças contrárias, o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra vem ao longo de sua existência provando que a reforma agrária é possível e necessária para desenvolver nosso país. Provando que ela é necessária do ponto de vista econômico, político e social. E sua viabilidade está comprovada pela pesquisa realizada pela FAO e pelo Ministério da Agricultura, onde concluíram que apesar dos entraves impostos pelo Governo, os assentamentos tem viabilidade. A renda mensal média por família assentada é de 3,7 salários mínimos, valor superior a renda obtida por qualquer categoria de trabalhadores rurais. Essa produção é obtida graças as inúmeras lutas realizadas pelos trabalhadores onde precisam mendigar terras, créditos e condições para produzir. Se eles forem esperar pela ação do Governo, acabarão como milhares de

trabalhadores rurais iludidos com o projeto de colonização, criado por Governos passados. Hoje estão na miséria. Desbravaram as terras para os fazendeiros, agora são obrigados a voltar para seu lugar de origem procurando emprego na cidade ou trabalhando como boia-fria.

Quero lembrar à revista "Veja", que esteve tão presente na apuração, nas denúncias de corrupção do Governo Collor, que mantenha o mesmo nível de coerência e publique a realidade dos fatos. Neste caso, se não conscientizar o Governo e alguns membros do Congresso de sua responsabilidade, ao menos estará cumprindo com seu real papel, enquanto veículo de comunicação social.

Com isso, Sr. Presidente e Srs. Deputados, quero deixar registrado meu posicionamento diante dos fatos veiculados. Gostaria que a realidade - os fatos concretos - fosse colocada nesse veículo de comunicação, que tem um poder muito grande neste País.

Obrigada Sr. Presidente, Sras. e Srs. Deputados.

Brasília, 05 de maio de 1993

Discurso do Deputado Federal Adão Pretto/PT-RS, sobre a matéria publicada na Revista Veja do dia 05/05/93 referente ao MST (sem revisão do orador).

Sr. Presidente e Srs. Deputados, há um Deputado nesta Casa, o ilustre Sr. Cardoso Alves, que tem debatido muito sobre a liberdade de imprensa. Esse Deputado tem, em algumas coisas, razão.

Como falou agora a ilustre Deputada Lucy Choinaski, a Revista Veja publica matéria com a data de hoje (05/05/93) - que está circulando desde domingo passado - no sentido de desmoralizar e denegrir o Movimento dos sem terra, a nível nacional, e, automaticamente, as pessoas que defendem a reforma agrária. Entende-se claramente que o diretor dessa revista estaria com a matéria pronta para ser publicada com aquele sentido, mas para não ficar descaradamente nesse nível, veio entrevistar algumas pessoas ligadas àquele movimento dentre as quais me incluo. Fui entrevistado por mais de 45 minutos. Não saiu sequer uma vírgula do que disse. O que está na entrevista é tudo aquilo que não disse. O nome de Antoninho Mattes da Direção do Movimento Nacional dos Sem Terra, que nem viu a reportagem da revista, consta de matéria extensa sendo que nada disse.

Sr. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, essa revista acusa o Movimento Sem Terra como o último movimento radical da esquerda, o último movimento socialista, mas não diz nada sobre os verdadeiros guerrilheiros deste País que estão matando os trabalhadores como é o caso da UDR.

No mês passado, estive sob pontaria das armas da UDR, eu juntamente com dois Deputados Estaduais do Rio Grande do Sul, Deputado Antonio Marangon e Deputado Vargas do PDT, líder do Governo Alceu Collares na Assembléia Legislativa e mais o Bispo de Santa Maria. Estivemos por duas horas presos no Fórum de Júlio de Castilhos e a UDR estava armada do lado de fora querendo a "nossa cabeça". Tudo isso denunciei para a revista e nada foi publicado.

Sr. Presidente, Sras. e Srs. Deputados são armadilhas que a direita usa para denegrir a imagem do movimento pela reforma agrária no Brasil e até no exterior, porque as pessoas que não estão militando atualmente nesse movimento ficam informadas pelos meios de comunicação.

Então, temos que avaliar isso seriamente. Faço um desafio à revista Veja, no sentido de que se ela realmente não esta mal intencionada, que se faça outra matéria dizendo dos benefícios que a reforma agrária tem trazido ao Brasil. Que utilize dados da produção, dados da cooperativa e exemplos concretos e mostre o outro lado da moeda, senão ela estará provando estar mal-intencionadas ao publicar essas matérias.

Brasília, 05 de maio de 1993